

Baltasar Teles, Cronista da Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus foi fundada por Sto. Inácio de Loiola e recebeu aprovação pontifícia em 1540. O grupo inicial que se reuniu à volta do Fundador era constituído por seis estudantes da Universidade de Paris entre os quais se contavam o navarro S. Francisco Xavier e o português Simão Rodrigues. A 15 d Agosto de 1534, em Paris, na capela de S. Dinis, na colina de Montmartre, fizeram voto de castidade e de pobreza, a que juntaram a promessa de ir em peregrinação a Jerusalém para pregar o Evangelho entre os infiéis. Se não pudessem realizar essa viagem dentro de um ano, iriam para Roma, pondo-se sob a obediência do Papa para que os enviasse onde entendesse. Foi o que veio a acontecer, já que a guerra com os turcos impossibilitou a partida de Veneza onde tinham esperado, em vão, passagem para a Terra Santa.

Depois do voto de Montmartre, juntaram-se mais três companheiros; eram já dez, todos ordenados sacerdotes, quando se reuniram em Roma, em 1538. Deliberaram, então, fundar uma nova ordem religiosa e apresentaram a Paulo III um esboço do seu ideário. O Pontífice aprovou oralmente, a 3 de Setembro de 1539, a *Fórmula* do Instituto da Companhia de Jesus, a que se seguiu a confirmação escrita com a bula *Regimini militantis Ecclesiae* de 27 de Setembro de 1540.

A 14 de Abril de 1541, Inácio de Loiola foi eleito primeiro Superior Geral e, a 22 do mesmo mês, os que estavam em Roma fizeram profissão solene, na Basílica de S. Paulo extramuros. A *Fórmula*, na sua Segunda redacção aprovada por Júlio III em 1550, afirma como objectivos principais da Ordem "a defesa e a propagação da fé e o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristãs". Para isso, entre os meios a empregar, indicam-se a pregação, os Exercícios Espirituais, a educação cristã das crianças e dos humildes, a administração dos sacramentos e a prática das obras de misericórdia. A disponibilidade manifestada pelo grupo fundador perante o Sumo Pontífice ficou consagrada pela introdução de um voto especial de obediência ao Papa. Por esse quarto voto, que acrescentam aos votos de castidade, pobreza e obediência comuns a todos os religiosos, os jesuítas professos comprometem-se a aceitar as missões apostólicas que o Sumo Pontífice entender confiar-lhes, em qualquer parte do mundo.

Os princípios contidos na *Fórmula* foram desenvolvidos por Sto. Inácio nas *Constituições* da Companhia de Jesus que o Fundador, à data da sua morte, em 1556, tinha praticamente concluído e que foram aprovadas definitivamente,

em 1558, na primeira reunião de uma Congregação Geral, o órgão legislativo supremo.

A vinda dos jesuítas para Portugal ficou a dever-se ao interesse e empenho de D. João III. E, 1538, o Doutor Diogo de Gouveia, principal do Colégio de Santa Bárbara, em Paris, onde Sto Inácio e três dos seus companheiros tinham estudado, escreveu ao monarca, assinalando a existência desse grupo de clérigos "de muito exemplo e letrados" e assegurando que não se poderiam achar "homens mais aptos para converter toda a Índia". D. João III apressou-se a instruir o seu embaixador em Roma para que iniciasse diligências com o fim de obter tão preciosa colaboração e Inácio de Loiola correspondeu ao pedido, enviando dois dos seus primeiros companheiros: Francisco Xavier e Simão Rodrigues, ambos chegados a Portugal em 1540. O primeiro partiu logo em 1541 para o Oriente, enquanto o segundo permaneceu no Reino, lançando as bases da Província de Portugal, formalmente erecta como primeira província de toda a Ordem em 1546.

A expansão da Companhia de Jesus foi extraordinariamente rápida, graças à protecção magnânima de D. João III e da família real e à generosidade de inumeráveis benfeitores. Devido a esses apoios, Simão Rodrigues e mais seis companheiros puderam instalar-se, em 1542, no Mosteiro de Santo-Antão-o-Velho, em plena Mouraria lisboeta. No mesmo ano, foi fundado o Colégio de Jesus, em Coimbra, para formação dos membros da Ordem. Em 1551, abriu, em Évora, o Colégio do Espírito Santo e, em 1553, a Casa Professa de S. Roque, centro das actividades apostólicas na capital. O primeiro colégio em que os jesuítas deram aulas públicas foi o de Santo Antão, em Lisboa, inaugurado em 1553. Ao terminar o século XVI, os principais centros da Companhia de Jesus para a educação da juventude eram os colégios de Coimbra, o Colégio de Santo Antão e a Universidade de Évora, fundada em 1559. As outras cidades em que se dedicavam ao ensino eram Braga, Bragança, Funchal, Angra, Ponta Delgada e Faro. No século XVII, a actividade pedagógica dos jesuítas viria a estender-se a Portalegre, Santarém, Porto, Elvas, Faial, Setúbal, Portimão e Beja.

Esta rápida expansão foi acompanhada, logo de início, por um grande empenho missionário. Em 6 de Maio de 1542, S. Francisco Xavier desembarcou em Goa com dois companheiros e, depois de percorrer diversas regiões da Índia, esteve em Malaca e nas Molucas, chegando ao Japão em 1549. Depois de dez anos de intensa actividade no Oriente, veio a falecer, às portas da China, em 1552, apenas com 46 anos de idade. A evangelização no Oriente prosseguiu com sucessivas levas de missionários e a diversificação das regiões alcançadas. Nos outros continentes, é de assinalar a presença em África, principalmente no

Congo, Angola, Moçambique, Etiópia, Cabo Verde e Guiné, e a grande expansão no Brasil, iniciada em 1549 com o P. Manuel da Nobrega¹.

Coube ao P. Baltasar Teles o mérito de, pela primeira vez, publicar uma crónica que registasse e divulgasse, na sua globalidade, esta intensa actividade apostólica. Não foi o primeiro a tentá-lo mas foi o primeiro que conseguiu levar o empreendimento até ao fim. As primeiras tentativas tinham ficado a dever-se às insistências do Superiores Gerais da Companhia de Jesus para que se escrevesse a história de cada um dos colégios da Província de Portugal. Foi o caso do P. Everardo Mercuriano que, em 1573, pediu ao P. Jorge Serrão, Provincial, que enviasse para Roma a história de cada uma das casas sob a sua jurisdição. Como refere o P. Francisco Rodrigues, na *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, algumas monografias foram escritas devido a estas insistências mas nenhuma chegou a ser editada².

Numa fase seguinte, o objectivo passou a ser escrever a história de toda a Província de Portugal. Nesse sentido, a 24 de Abril de 1587, a Congregação Provincial reunida em Lisboa pediu, com voto unânime, que se encarregasse um dos escritores da Província desta importante tarefa. O Geral, P. Cláudio Aquaviva, aprovou este desejo e encomendou o assunto ao Provincial, P. Sebastião de Moraes que o confiou ao P. Álvaro Lobo. Este padre veio a falecer sem levar até ao fim o empreendimento mas deixou quatro tomos manuscritos que abrangiam os primeiros dezassete anos da história da Província. Depois da morte deste primeiro cronista, em 1608, outros historiadores retomaram a obra, também sem a conseguirem completar: o P. Jerónimo Álvares, o P. Manuel Escobar e o P. António Leite.

Assumiu, finalmente, a mesma missão o P. Baltasar Teles. Nascido em 1595, em Lisboa, entrou no noviciado da Companhia de Jesus, em Coimbra, a 24 de Março de 1610 e, desde cedo, revelou os seus muitos talentos. Durante nove anos, ensinou humanidades nos colégios de Braga, Évora, Lisboa e Coimbra. Dedicou-se, em seguida, ao ensino da filosofia, tendo publicado em Lisboa, em 1642, a *Summa universae Philosophiae*. Como corolário da sua actividade docente, ensinou teologia especulativa e moral, durante oito anos, em Coimbra e em Lisboa. As tarefas de governo preencheram também grande parte da vida do P. Baltasar Teles: foi reitor do Seminário dos Irlandeses e do Colégio de Santo Antão, provincial e, finalmente, superior da Casa Professa de

¹ Para uma síntese da história dos jesuítas em Portugal, veja-se o nosso artigo "Jesuítas" no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001.

² Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, VI, Porto, Apostolado da Imprensa, 1931, XIV.

S. Roque onde faleceu a 20 de Abril de 1675³. Não lhe faltaram também as contrariedades; em 1649, por se manifestar contra a divisão da Província, que D. João IV defendia, foi afastado para 50 léguas da corte por ordem real, indo recolher-se à residência de Sanfins, junto do rio Minho, onde viveu durante sete anos. Nessa altura, já tinha terminado os dois tomos da *Chronica da Companhia de Jesu, na Província de Portugal*, ambos publicados em Lisboa: o primeiro, em 1645, e o segundo em 1647⁴. Como historiador, o P. Baltasar Teles viria ainda a publicar, em Coimbra, em 1660, a *História Geral da Etiópia a Alta* dedicada ao trabalho da Companhia de Jesus naquele difícil missão africana.

A *Chronica da Companhia de Jesu, na Província de Portugal*, como escreve o P. Francisco Rodrigues, “foi obra sempre estimada dos eruditos pela linguagem opulenta e genuinamente portuguesa, e pela narração que procurou ajustar com as exigências da verdade histórica”⁵. Mas, como acrescenta judiciosamente o mesmo P. Rodrigues, é de reconhecer que o cronista “se excedeu um tanto na ênfase do louvor, e no empolado, sentencioso e prolixo da exposição”⁶. Por estas observações, já depreendemos que a narrativa do P. Baltasar Teles tem características marcadamente edificantes, como era aliás sua intenção e os próprios leitores esperariam. Veja-se, a esse propósito, o juízo de aprovação do P. André Gomes, impresso no início do segundo tomo: “parece muy digna de se estampar pera edificação e proveito espiritual de todos, principalmente dos filhos da Companhia”.

Poderíamos acrescentar que o P. Baltasar Teles faz uma leitura exageradamente providencialista dos acontecimentos; o modo como afirma, sem hesitações, que os religiosos pouco edificantes são castigados por Deus é disso um exemplo bem claro. A visão providencialista está também ligada à apresentação apologética dos factos: veja-se a quase ausência de conflitos, a

³ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, T. 1, Coimbra, Atlântida Editora, 1965, 458s.

⁴ Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu, na Província de Portugal; e do que fizeram, nas conquistas d'este Reyno, os Religiosos, que na mesma Província entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso Fundador. Primeira Parte, na qual se contem os principios d'esta Província no tempo, em que a fundou, e governou o P. M. Simam Rodrigues, com a sua sancta vida, e morte*, em Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1645;

Balthazar TELLEZ, *Chronica da Companhia de Jesu, na Província de Portugal. Segunda parte, na qual se contem as vidas de lagus religiosos mais assinalados, que na mesma Província entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fundador. Com o summario das vidas dos serenissimos reis D. João III e D. Henrique, fundadores e insignes bemfeytores desta Província*. Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1647.

⁵ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, III/1, Apostolado da Imprensa, 1944, 151s.

⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, III/1, ed. cit., 152.

maneira como são apresentados os factos que levaram à deposição do P. Simão Rodrigues do cargo de Provincial ou as circunstâncias que rodearam a eleição do P. Everardo Mercuriano como Geral da Companhia de Jesus. Estas observações não anulam o valor histórico desta Crónica, se soubermos lê-la com o necessário rigor e isenção. O historiador de hoje poderá compará-la com outra documentação e saberá, certamente, isolar os factos daquilo que são os aspectos maravilhosos, apologéticos e edificantes incluídos na narração.

No prólogo da sua Crónica. O P. Baltasar Teles afirma que pretende tirar “das trevas do esquecimento” a história dos jesuítas portugueses e confessa que lhe foram de grande ajuda “os papéis e notícias” que o P. Álvaro Lobo compilara. A estrutura da obra é relativamente simples, ao longo dos dois tomos que coincidem com a duas partes em que a narrativa está dividida. Como se refere no título, trata-se de contar o que “fizeram, nas conquistas d’este Reyno, os Religiosos que na mesma Província entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola”. Cumprindo este programa, a primeira parte vai até ao final do provincialato do P. Simão Rodrigues, em 1552; a segunda parte, por seu lado, tem como limite temporal a morte de Sto. Inácio, em 1556.

A narração é, no entanto, mais complexa do que os dados referidos poderiam fazer prever. De facto, o percurso cronológico não é linear como o de quem escreve anais. Trata-se, sim, como explica Baltasar Teles, no prólogo da segunda parte, de ter ocasião para desenvolver os assuntos e seguir as pessoas: “tomo occasiam dos annos, em que entro pera contar nam só as fundações, e progressos das casas, ou Collegios da Companhia, que, entam socederam, mas também pera escrever a vida, e a morte de todos os varoens em virtude, que nestes annos, no tempo de S. Ignacio entraram nesta Província: e assim ainda que tomo o princípio de tam longe, com tudo chego com as cousas, e notícias de muytas dellas, quasi a nossos tempos”. Vejam-se alguns exemplos da estrutura narrativa anunciada: a primeira parte deveria terminar em 1552, último ano do provincialato do P. Simão Rodrigues, mas, apesar disso, a narração prossegue até à morte do fundador da Provincia de Portugal que só viria a ocorrer em 1579; a propósito da fundação da Casa Professa de S. Roque, ocorrida em 1553, elogia-se a caridade com que os seus padres tratam os empastados nas epidemias de 1569, 1579 e 1598; a narração da vida do P. José de Anchieta tem início em 1553, ano em que partiu para o Brasil, mas prossegue até 1597, data da sua morte; conta-se a entrada do P. Baltasar Barreira no noviciado, em 1556, e a narrativa acompanha-o nos trabalhos missionários em Angola, Guiné e cabo Verde, até à sua morte, ocorrida em 1612.

A obra do P. Baltasar Teles tem o mérito de ser o principal trabalho de conjunto sobre o início e as primeiras décadas da acção da Companhia de Jesus em Portugal e Além-Mar. Muitos outros trabalhos seria importante referir, fruto

do empenho historiográfico dos jesuítas, nos séculos XVII e XVIII. Lembremos, apenas de passagem, a *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, de Simão de Vasconcelos, a *História da vida do P. Francisco Xavier e do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Jesus*, de João de Lucena, a *História do Japão*, de Luís Fróis, a *Relação Anual*, de Fernão Guerreiro, o *Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus*, de Francisco de Sousa, as *Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa Província do Japão*, de António Cardim, a *Conquista temporal e espiritual de Ceilão*, de Fernão Queirós. Finalmente, refiram-se os quatro volumes de António Franco intitulados *Imagem da virtude* que contém as biografias dos jesuítas que iniciaram a sua vida religiosa nos noviciados de Coimbra, Lisboa e Évora e, do mesmo autor, o *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, também fonte importante de informações biográficas. Tal como acontece à *Crónica* de Baltasar Teles, estas obras continuam à espera de uma merecida e mais ampla divulgação que as faça ultrapassar o círculo restrito dos especialistas. Estariam, assim, mais disponíveis e divulgadas importantes fontes da história religiosa portuguesa.

Nuno da Silva Gonçalves
Academia Portuguesa de História
Centro de Estudos de História Religiosa (UCP)